

*Doutro modo, não sei. Há tantos dedos
No gesto que me pedes para ter!
(Se tu soubesses como é bom saber
Guardar segredos)...
Um conto para adormecer?
— «Era uma vez um reino, cujo rei
Ia morrer. O rei ia morrer...»*

*Quem máu-olhou a cítara que eu tanjo?!
Doutro modo, não sei;
Não nasci para anjo
E a tua boca sabe a amanhecer!*

*Podes dormir. Podes dormir, serêna,
Como dormias em pequena,
Depois da benção maternal.
Não rezaſte? — Não rezes, não faz mal!
Há um condão em ti,
Há um halo divino, que eu bem vi
Na tua fronte, a iluminar-te o berço,
À flor das ondas, nesse mar que existe...
(Não digas que nunca o viſte!)
Suspenso no Universo!*

O QUE NÃO ACONTECEU

*N*UM veleiro chegou aquele dia
Do teu adeus e lágrimas no cais
De há muitos anos. Sim, há muitos mais!
— Quando, talvez, nem mesmo cais havia...

*Tu eras minha, (lembras-te?) e chovia;
Mas não em nós: — sòmente no arrais,
De oleado vestido... Vendavais,
Uma aragem do norte prometia.*

*Que núvem tão cerrada de gaiotas,
Tanto tempo, de ti, me separou!
Que alegria que foi, as velas rôtas,*

*Quando, perto do pôrto, a nau parou!
— Que eſtranhas e fantásticas derrotas,
Alguém, batendo à porta, malogrou!*

APÊLO À POESIA

*P*ORQUE *vieste?* — *Não chamei por ti!*
Era tão natural o que eu pensava,
(Nem triste, nem alegre, de maneira
Que pudesse sentir a tua falta...)
E tu vieste,
Como se fôsses necessária!

Poesia! nunca mais venhas assim:
Pé ante pé, cobardemente oculta
Nas ideias mais simples,
Nos mais ingénuos sentimentos:
Um sorriso, um olhar, uma lembrança...
— Não sejas como o Amor!

*É verdade que vens, como se fôsses
Uma parte de mim que vive longe,
Prêsa ao meu coração
Por um elo invisível;
Mas não regresses mais sem que eu te chame,
— Não sejas como a Saudade!*

*De súbito, arrebatas-me, através
De zonas espectrais, de ignotos climas;
E, quando desço à vida, já não sei
Onde era o meu lugar...
Poesia! nunca mais venhas assim,
— Não sejas como a Loucura!*

*Embora a dor me fira, de tal modo
Que só as tuas mãos saibam curar-me,
Ou ninguém, senão tu, possa entender
O meu contentamento,
Não venhas nunca mais sem que eu te chame,
— Não sejas como a Morte!*

MARCHA MILITAR

*V*AI a passar um regimento,
Com a banda à frente, em função.
Tremula a bandeira ao vento...
E um eſtranho contentamento
Agita a multidão.

Os homens sonham gloriosos feitos,
Em terriveis batalhas... E, depois,
Da Pátria, os prémios prometidos.
As mulheres acalentam nos seus peitos
Um maternal amor pelos heróis,
— Tanto maior, quanto mais feridos...

*Mas quem, de tôda a multidão,
Revela o oculto pensamento,
São as crianças, que não
Pensam em nada — e vão
Atrás do regimento.*

J

CANÇÃO INOCENTE

*M*ENINO: *queres ser meu mestre?*
— *Contigo, tinha tanto que aprender!*

*A ser casto, sem querer;
A ser bom, sem o saber;
A ser alegre, sem ter
Motivos para o ser.*

Menino: queres ser meu mestre?
— *Deixa o teu arco aí. Vem-me ensinar*

*A sorrir e a confiar;
A ter esp'rança e a perdoar;
A esquecer e a chorar...*

*Menino, que brincas no jardim:
— Tu, sim,
Podias ser um mestre para mim!*

FRIVOLIDADE

*F*ICARIAS doente, se não fôsses;
Sem estreares o vestido que estreaste;
Sem poderes encantar quem encantaſte,
Com os teus olhos límpidos e doces.

Como as tuas promessas são precoces!
— *Pediſte-me que fôsse... Não: mandaſte.*
E escravo, como sempre, me encontraſte,
Do mais breve sorriso que tu esboces.

*Caíu na terra um anjo, que escondeste
Na tua genial frivolidade.
Um anjo? — O anjo da perversidade...*

*Como o senti em tudo o que disseste,
Fazendo-me sofrer, como fizeste,
Nesse alegre arraial de caridade!*

DESENHO

*V*ARINA
Sentada

Na areia:

— Que sina

Te é dada,

*Na manhã chegada
Com a maré cheia?*

*— «Canastra vazia,
Barqueiro morrido...»*

*— Vem da marezia
Teu pensar dorido.*

*Não penses tão claro;
Vai à tua lida.
Pensar, é amaro
Padecer da vida.*

*E a vida é sonhada
Viagem incerta...
— Varina sentada
Na praia deserta!*

ODE PAGÃ

*V*IVER! — O corpo nú, a saltar, a correr,
Numa praia deserta... Ou rolando, na areia,
Rolando, até ao mar... Que importa o que a alma
anseia?

— Isto, sim, é viver!

O Paraíso é nosso e está na terra. Nós,
É que temos o olhar velado de incerteza;
E julgamos ouvir a voz da Natureza,
Ouvindo a nossa voz.

Ilusões! A cultura, o amor, a poesia...
Não igualam, sequer, um dia à beira-mar,
Vivido plenamente, — a sorver, a beijar
O vento e a marezia!

*Viver, é estar assim: a fronte ao céu erguida,
Os membros livres, as narinas dilatadas;
Com tôda a Natureza, em espírito, as mãos dadas...
— O resto, não é Vida!*

*Que venha, pois, a brisa, e me trespasse a pele,
Para melhor poder compreendê-la e amá-la!
Que a voz do mar me chame e, ouvindo a sua fala,
Eu vá e seja dêle!*

*Que o sol penetre bem na minha carne e a deixe
Queimada, para sempre; as ondas, uma a uma,
Rebentem no meu corpo! e eu fique, ébrio de espuma,
Contente como um peixe!*

ADOLESCÊNCIA

*Q*UE insónia me revela
O teu cansado olhar!
Na esp'rança de vencê-la,
— Eu sei — foste à janela
Ver a noite passar...

*Eu não sou adivinho,
Mas sei o que sentiŝte:
— Que tudo é vão e triste
Quando se está sózinho.*

«Senhor! se eu fôsse bela,
Ao menos uma vez!...»
— Fugiſte da janela;
Que insónia me revela
A tua palidez!

«Poder dormir, dormir!...»
— E, deitada de bruços,
Abafaſte os soluços,
Para a mãe não ouvir.

REPTIL

O tempo que em palavras se dispersa!
— Os deuses, neste morno desfastio,
Nem dão por nós. Sózinho, desconfio
Que a vida é uma cousa bem diversa...

Sózinho, não! Procuro alguém; e a frio,
Inadaptado ao ritmo da conversa,
Vejo a verdade naufragar, imersa
Nas palavras que correm, como um rio.

*Ó minha vida, aquém da minha obra!
Pudesse eu dar-te, um dia, o que te falta,
Ou àquela tirar o que lhe sobra:*

*— Esta ansiedade de pairar, tão alta,
Que a faz supor que vôa, quando salta
Sôbre o teu frouxo raastejar de cobra!*

CANÇÃO FATIGADA

*R*EPOUSO a minha fronte,
Dorida, no teu peito;
E o meu bem-estar é feito
De não ter horizonte.

*Nela sentindo, leve,
A tua mão passando,
Fico entre-sonhando
O derreter da neve.*

*Que translúcido lago
Meu espírito vislumbra,
Na suave penumbra
Do teu último afago!*

*Nada, hoje, me peça
O teu querer-me; deixa
Que tão breve adormeça,
Como a tarde se fecha...*

2

OBSTINAÇÃO

A procura de Deus, andamos todos nós,
Poetas, desde quando a Poesia é Poesia...
Caminho que nos leva aonde principia
A dúvida maior, a ânsia mais atroz.
Mas sempre em nós renasce a esp'rança de que um dia
Talvez a Sua Voz responda à nossa voz.

N

ALDEIA

E U e a noite,
Chegámos ao mesmo tempo
Àquella povoação:
— Uma aldeia que eu guardo na memória,
Como se guarda duma noiva morta
A doce recordação.

*Fecho os olhos e vejo-a: — as casas, o moinho,
O coreto e a fonte...
Quem os ergueu, sabia quem eu sou;
E, — para me encantar — como eu, outrora,
Arrumava no quarto os meus brinquedos,
Tal-qual os arrumou.*

*Criança? — Já o não era,
Ao tempo em que isto foi;
Mas ainda conservo a sensação
(Quási triste, de tão enternecida,
De ser a noite
Que me levava pela mão...*

∫

CANTILENA

O *S poemas de amor,
Que em teu louvor, um dia,
Compuz, — liricamente,
Rasguei-os a chorar.*

*Faltava-lhes a côr,
O brilho que devia
Ao mundo revelar
O halo amanhecendo
Que emana o teu olhar!*

O teu olhar de ausente...

*Mas que deixa no ar,
— Como a estréla cadente
Ao perdido pastor —,
Um indício de luz,
Um fictício calor.*

*(O teu olhar de ausente,
Que os meus passos conduz!)*

*Assim, líricamente,
Rasguei-os, a chorar...
— Os poemas de amor
Que em teu louvor compuz.*

ÚLTIMO SONETO

S E me sobrevivesse, imperecida,
A memória da angústia que sofri
Na desordem do tempo em que vivi,
Já tinha fundamento a minha vida.

*Debrucei-me na História, mas não vi
Outra idade com esta parecida:
Tantos caminhos, tantos! e perdida,
A noção de chegar até aqui!*

*Árvore do passado ! já não cabem
Mais ilusões à sombra dos teus ramos...
E os teus frutos, agora, a nada sabem !*

*Poesia ! onde me levas ? onde vamos,
Se as fórmulas antigas não nos abrem
O mistério da treva que sondamos !?*

CANÇÃO GRATA

*P*OR tudo o que me deste:
— Inquietação, cuidado,
(Um pouco de ternura? É certo, mas tão pouco!)
Noites de insónia, pelas ruas, como um louco...
— Obrigado, obrigado!

*Por aquela tão doce e tão breve ilusão,
(Embora nunca mais, depois que a vi desfeita,
Eu volte a ser quem fui), sem ironia: aceita
A minha gratidão!*

*Que bem me faz, agora, o mal que me fizeste!
— Mais forte, mais sereno, e livre, e descuidado...
Sem ironia, amor: — Obrigado, obrigado
Por tudo o que me deste!*

ELEGIA DA INFÂNCIA

*M*ORTA a infância, o que restou,
Não tem beleza nem condão:
— Um banal arremêdo de presença,
Que os espelhos acusam
De temer a verdade...
Uma alma transida de mistério,
Procurando, na treva,
Um mundo que não há.

Morta a infância, que fazer?
— Cobri-la com um sorriso,
Erguer ao céu os olhos marejados
E deixá-la afundar-se
No abismo do tempo.

*Morta a infância, que se apague
O meu rastro, na vida,
Já sem milagre nem grandeza!
Mas brandamente, ao menos, brandamente...
— Como pègadas em areia fina,
Delidas pela brisa
Duma tarde estival.*

~

EPIGRAMA

O cego deu à manivela
Da velha e triste pianola,
Que era a alegria da vila;
Mas já ninguém vem à janela:
— Pois, vindo, davam-lhe esmola...
E, ocultos, podem ouvi-la.

N

CICLO

I

CONVALESCÇO... — *Quem sabe*
Se é uma alma nova, esta que os olhos abre,
E repousa na vida, nas cousas, em mim,
Um cansaço que vem de séculos sem fim ?!

A doença? — O mistério, a dúvida, a estranheza...
Noites de angústia e febre, à espera, inútilmente,
Duma luz que incidisse, de repente,
Num verdadeiro indício de beleza.

II

*O que eu vos posso dar, é pouco. Paciência...
Das vidas que vivi, — sem a minha viver —,
Tentando, ao mesmo tempo, amar e compreender,
Sòmente me ficou esta amarga exp'riência:*

*— É mais forte, afinal, o homem, sem amor,
Depois de ter amado... A solidão estimula
Um sobrenatural sorriso, que estrangula
Os gemidos que vêm das entranhas da dor.*

III

*Agora, convalesço. Abriram-se as janelas...
Minh'alma, vem aqui! (onde estavas?!) não vês?
— Já sabem o meu nome, as cousas, outra vez;
Já sei o nome delas!*

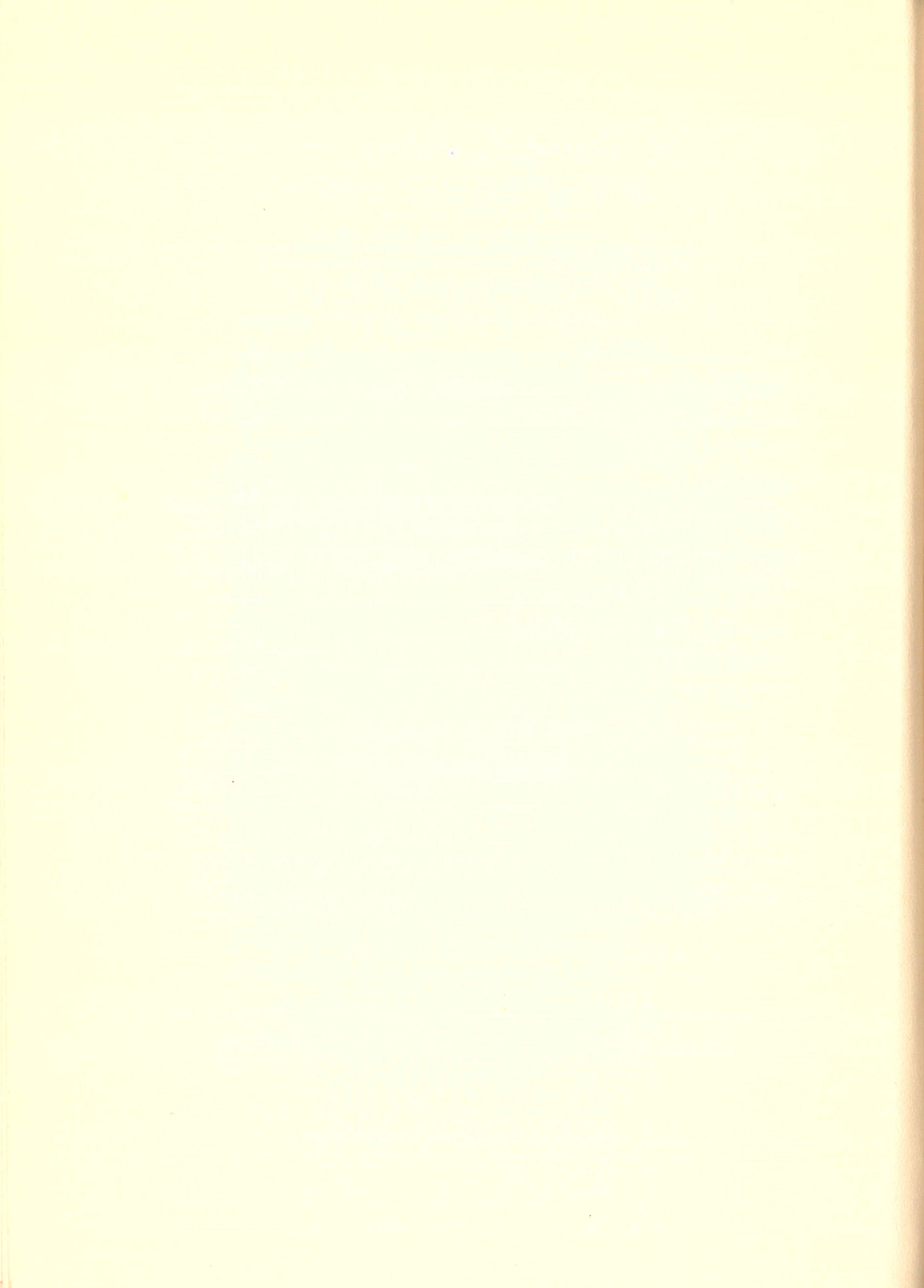
*Apenas para ser fiel à tradição
Do povo a que pertença,
Vou ao cais da saudade acenar com um lenço
À última, à maior, à mais bela ilusão...*

ÍNDICE

	PÁGINAS
<i>DESAPARECIDO</i>	7
<i>LEGENDA</i>	9
<i>SUGESTÃO</i>	10
<i>MARCHA QUASI FÚNEBRE</i>	12
<i>CLAMAVI AD TE</i>	14
<i>MICROCOSMO</i>	16
<i>CRUZEIRO DO NORTE</i>	17
<i>AROMA</i>	19
<i>JARDIM</i>	20
<i>ABISMO</i>	22
<i>PASTORAL</i>	24
<i>RECREIO</i>	26
<i>AMIZADE</i>	28
<i>ROMANTISMO</i>	29
<i>NAVIO</i>	31
<i>CANÇÃO DO MUNDO PERDIDO</i>	33
<i>INTERVALO</i>	35
<i>MARINHA</i>	36
<i>CANTAM AO LONGE</i>	38

	PÁGINAS
<i>TROFEU</i>	39
<i>ADAGIO CANTABILE</i>	41
<i>PASSEIO</i>	43
<i>EX LIBRIS</i>	46
<i>BARCAROLA</i>	47
<i>IMPOSSÍVEL</i>	49
<i>UMA HISTÓRIA VULGAR</i>	50
<i>PROFECIA</i>	53
<i>LIRISMO</i>	54
<i>ERÓTICA</i>	56
<i>CIDADE</i>	59
<i>SETE CAPRICHOS PARA ELA</i>	61
<i>O QUE NÃO ACONTECEU</i>	68
<i>APÊLO À POESIA</i>	70
<i>MARCHA MILITAR</i>	73
<i>CANÇÃO INOCENTE</i>	75
<i>FRIVOLIDADE</i>	77
<i>DESENHO</i>	79
<i>ODE PAGÃ</i>	81

	PÁGINAS
<i>ADOLESCÊNCIA</i>	83
<i>REPTIL</i>	85
<i>CANÇÃO FATIGADA</i>	87
<i>OBSTINAÇÃO</i>	89
<i>ALDEIA</i>	90
<i>CANTILENA</i>	92
<i>ÚLTIMO SONETO</i>	94
<i>CANÇÃO GRATA</i>	96
<i>ELEGIA DA INFÂNCIA</i>	97
<i>EPIGRAMA</i>	99
<i>CICLO</i>	100



ÊSTE LIVRO
ACABOU DE SE IMPRIMIR
EM LISBOA
NAS
OFICINAS GRÁFICAS
DA
EMPRESA DO ANUÁRIO COMERCIAL
A
30 DE SETEMBRO DE 1935
DESTA EDIÇÃO ORIGINAL
TIRARAM-SE
QUINHENTOS EXEMPLARES
EM
PAPEL «MELLOTEX»
NUMERADOS
DE
I A 500

EXEMPLAR N.º

13

